

MARIA BÁRBARA LEVY

HISTORIADORA DE EMPRESAS NO BRASIL *

Almir Pita Freitas Filho

Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Av. Pasteur, 250, Prédio do Instituto de Economia, CEP 22290-240, Urca, Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: almir@nuca.ie.ufrj.br

Margareth Guimarães Martins

TV Globo Ltda.
Rua Santa Clara, 50, sala 1.109, Copacabana, CEP 22041-000, Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: martins@iis.com.br

RESUMO Neste artigo, procuramos registrar alguns momentos da trajetória intelectual de Maria Bárbara Levy, professor titular do Departamento de Economia da antiga Faculdade de Economia e Administração da UFRJ, e sua contribuição para a criação e difusão de uma área de estudos e pesquisa em História de Empresas no Brasil. Maria Bárbara deixou cinco livros, um deles póstumo, onde está retratada uma pequena parcela de seu imenso trabalho como historiadora econômica e formadora de pesquisadores nessa área. Tomando como referencial alguns desses trabalhos, além de artigos e comunicações apresentados em reuniões científicas, nacionais e internacionais, que tratam mais explicitamente da história dos negócios, destacamos algumas de suas propostas originais acerca desse tema, assim como a relação que a autora procura estabelecer com a história econômica do Brasil. Foi, portanto, com o intuito de resgatar seu importante papel no avanço de estudos históricos sobre empresas, no décimo ano de sua morte, que escrevemos este artigo.

Palavras-chave: Maria Bárbara Levy; história econômica; história empresarial; história dos negócios

* Este trabalho foi originalmente preparado para o IV Congresso Brasileiro de História Econômica e 5ª Conferência Internacional de História de Empresas, realizada em São Paulo, de 2 a 5 de setembro de 2001, tendo sido revisto para a presente publicação.

MARIA BÁRBARA LEVY: A BRAZILIAN BUSINESS HISTORIAN

ABSTRACT This article attempts to highlight the intellectual and academic career of Maria Bárbara Levy, professor and researcher in the former Department of Economic History, now Institute of Economics, at Rio de Janeiro Federal University, stressing her contribution to developing research on Business History in Brazil. In the five books written by Maria Bárbara, one of them posthumously published, we find a small part of her vast endeavor as an economic historian and mentor of researchers in this field of inquiry. Drawing on those books, as well as on articles and papers presented by her in conferences both in Brazil and abroad during the 80's and the early 90's, the authors stress some of Maria Bárbara's original ideas and proposals in this field as well as her effort to relate Business History to Brazil's economic history. In the tenth anniversary of her death, this article proposes to recall her major contribution to bringing Business History to the foreground in Brazilian academic research in the field of Economic History.

Key words: Maria Bárbara Levy; economic history; entrepreneurial history; business history

De tudo ficou um pouco (...)
um pouco: não está nos livros
De tudo ficou um pouco.

Carlos Drummond de Andrade

INTRODUÇÃO

Maria Bárbara Levy ingressou em 1979 como professora adjunta do Departamento de Economia da Faculdade de Economia e Administração (FEA) da UFRJ, ali permanecendo até 1992, ano de sua morte, já como titular. Em sua trajetória intelectual, Maria Bárbara deixou cinco livros,¹ um deles póstumo, nos quais está retratada apenas uma pequena parcela de seu imenso trabalho como historiadora de empresas e formadora de pesquisadores nessa área. Foi no intuito de resgatar seu importante papel no avanço de estudos históricos sobre empresas, no décimo ano de sua morte, que escrevemos este artigo.

Olhando retrospectivamente a trajetória de Maria Bárbara, é possível defini-la, sem medo de errar, como uma historiadora econômica nata. Nada menos óbvio quando se trata de uma herdeira, várias vezes confessa, de Maria Yedda Linhares² e Manoel Maurício de Albuquerque, de quem em geral não acompanhou os temas de estudo, exceto uma breve passagem sobre a História Demográfica,³ embora de ambos tenha recebido a obstinada utilização do método, a persistência da pesquisa em arquivos, o brilho e entusiasmo no ofício de ensinar e o amor pela História.

Bárbara desde muito jovem teve sua carreira ligada à História Econômica quando, a partir de 1968, recém-formada em Bacharelato e Licenciatura em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, tornou-se professora daquela disciplina na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Quatro anos depois, inaugurava sua participação em instituições ligadas à Economia e Administração de Empresas: primeiro como professora de História Contemporânea da EBAP da Fundação Getúlio Vargas (1974); depois no Instituto Brasileiro de Mercados de Capitais – IBMEC, onde foi pesquisadora e professora de História Financeira; e, finalmente como professora de História Econômica da Faculdade de Economia e Administração da UFRJ. Esta disciplina também esteve presente em suas aulas e orientações na Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal Flu-

minense (UFF) e no Mestrado em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Assim era Bárbara: uma historiadora cercada de economistas e historiadores, cujo bom humor e simpatia constantes impediam-na de se aborrecer quando alguns profissionais da História ou da Economia, não tão bem-humorados, ora a chamavam pejorativamente de *economista*, ora de *historiadora*. A especialidade em História Econômica logo iria levá-la ao encontro das empresas, cujos principais estudos destacaremos a seguir.

1. OS BANCOS E O MERCADO DE CAPITAIS

Trabalhando no IBMEC desde 1971, no tempo em que os saudáveis ventos da pluralidade de idéias e temas arejavam aquela instituição, elegeu os bancos como o primeiro tipo empresa para objeto de análise. Num ambiente propício à pesquisa, Bárbara, utilizando a perspectiva da análise comparada, deixou alguns trabalhos monográficos ou em colaboração, tais como *História dos bancos comerciais do Brasil: estudo preliminar* (IBMEC, 1972); *Banco comercial* (IBMEC, 1972); e *Bancos de investimento, estrutura e funcionamento* (IBMEC, 1974). Já como coordenadora de Pesquisa de História Financeira da instituição, escreveu *Bancos comerciais no Brasil entre 1900 e 1945* (IBMEC, 1978), como parte integrante do trabalho escrito em colaboração com seus grandes amigos Hélio Portocarrero de Castro e Nelson Laks Eizirick; *Um estudo sobre estrutura e funcionamento dos bancos comerciais no Brasil; O capital usurário e o capital financeiro* (IBMEC, 1977); *A gestão monetária na formação do Estado Nacional*, em colaboração com Ana Maria R. de Andrade (IBMEC, 1980); *Crédito rural 1870-1937* (Seminário sobre História da Agricultura, Rio de Janeiro, EIAP/FGV, 1976), entre outros.

Não obstante, seu trabalho de maior fôlego foi o resultante de sua tese de doutorado, publicado pelo IBMEC em 1975,⁴ que, embora tenha os corretores como sujeitos principais, é rico em informações e análises fundamentais para a compreensão das condições nas quais as empresas podiam operar no Brasil, desde o período colonial aos anos da década de 1970.

Pelo ineditismo da abordagem do tema — “as bolsas de valores jamais mereceram no Brasil qualquer tratamento histórico minucioso” —, a *História da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro* exigiu um longo trabalho inicial na

descoberta e no processamento de fontes até então desconhecidas.⁵ Além do desbravamento de novas fontes, hoje colocadas à disposição de outros historiadores de empresa, o estudo dá diversas pistas sobre os mecanismos de financiamento, o papel regulador do sistema financeiro e do Estado, a atuação dos bancos comerciais e estrangeiros, entre outros fatores que atingiam as empresas privadas e mistas, especialmente no que diz respeito ao processo de aperfeiçoamento da organização de Sociedades Anônimas.

O profícuo trabalho desenvolvido “naquela pequena instituição privada de pesquisa, onde a interdisciplinaridade era uma prática cotidiana” foi brutalmente interrompido “quando a extrema direita ocupou o espaço daquela instituição”. Nesse momento, ainda nas palavras de Bárbara, “a FEA/UFRJ abriu suas portas para mim, apesar de eu ser uma ‘*estranha no ninho*’”.⁶

2. A FACULDADE DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO DA UFRJ

Embora não possamos precisar o momento exato em que o tema do empresariado se tornou objeto de interesse de Maria Bárbara, não há dúvida que seu ingresso na antiga Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro – FEA/UFRJ, em 1979, com professora adjunta exerceu uma forte influência naquela direção. As ligações anteriores com profissionais de economia, assim como sua participação em congressos de História Econômica no exterior, deram um novo impulso à sua atração por uma abordagem empresarial, vista sob uma perspectiva histórica.

Em sua nova instituição, Maria Bárbara teve então oportunidade para aprofundar uma linha de pesquisa iniciada em 1971, com sua tese sobre a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, e que prosseguiu no Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC). Pôde ainda ampliar o leque de suas preocupações intelectuais, ao incorporar novas questões e temas, tais como o desenvolvimento industrial do Brasil e suas diferenças setoriais e regionais; as fontes de financiamento para o setor; o papel do empresários e suas relações com o poder público no Brasil, dentre outros.

Seu ingresso da FEA/UFRJ coincidiu com um período de renovação que a instituição atravessava, em que se destacavam uma reforma curricular; a

oxigenação de seu quadro docente, com a entrada de profissionais recém-graduados; e a criação de um centro de pesquisa, em nível de pós-graduação, do qual participavam economistas do porte de Maria da Conceição Tavares, Carlos Lessa, Antônio Barros de Castro, Américo Cury, Winston Fritsch, Dorotheia Werneck, entre outros. Na ocasião, também era estabelecido um intercâmbio com economistas da Universidade Estadual de Campinas, difundindo-se o pensamento crítico de João Manual Cardoso de Melo sobre a industrialização e o capitalismo no Brasil.⁷

Maria Bárbara adquiriu um sólido conhecimento sobre o funcionamento do sistema financeiro privado, resultante de sua experiência como coordenadora do Arquivo da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, assim como no IBMEC. Essa passagem pelo circuito financeiro privado demarcou, de forma enriquecedora, o perfil intelectual e profissional de Bárbara Levy enquanto historiadora, fazendo com que se destacasse no novo ambiente acadêmico onde a maioria de seus pares tinha atuado ativamente em alguns dos principais órgãos estatais da fase “desenvolvimentista” da história econômica e política do Brasil.

No início da década de 1980, encontramos, portanto, Maria Bárbara como historiadora convivendo com economistas, num ambiente intelectual fortemente influenciado por um tipo de pensamento que privilegiava a ação intervencionista do Estado como o principal motor do desenvolvimento econômico em países de economia dependente, a exemplo do Brasil. Ao mesmo tempo, em relação ao tema da industrialização do país, afirmava-se a idéia de um processo tardio, retardatário, mas capitalista, tendo no entanto a experiência do Estado de São Paulo, considerado paradigmático.

Algumas dessas diretrizes estavam presentes no Currículo do Curso de Graduação em Economia da FEA/UFRJ, cuja ênfase voltava-se para o estudo do setor público, de teoria macroeconômica, com uma inclinação para a formação de profissionais que, preferencialmente, atuariam no mercado de trabalho formado pelo setor público, pelos órgãos planejadores e agências financeiras estatais, a exemplo do BNDES, BC, IPEA.

Transitando nesse ambiente, Maria Bárbara procurou agregar as marcas de suas experiências anteriores, ligada aos estudos financeiros e ao setor privado. Tratava-se de uma tentativa de articular duas linhas de estudos presentes na história da economia brasileira: a dos setores público e privado,

vistos não como elementos opostos, mas complementares. Somente agora, após sua morte, nós, que mantínhamos com ela uma estreita ligação intelectual, temos condições de refletir e avaliar a dimensão de seus questionamentos, preocupações e propostas relacionados a esses temas. Porém, durante algum tempo, seu empenho em investir numa abordagem de história empresarial, com ênfase na realização de estudos “micros”, ou seja, de empresas na mais ampla acepção do termo, permaneceu eclipsado.

Atribuímos à dinâmica institucional, no âmbito da FEA/UFRJ, uma das causas do lento afloramento de uma linha de investigação em história empresarial. Na ocasião, o Instituto de Economia Industrial adquiriu uma maior autonomia em relação ao Departamento de Economia, priorizando, em sua diretriz de pesquisa, temas ligados às políticas públicas, às experiências de crescimento industrial no segundo pós-guerra, à crise do Estado do Bem-Estar Social e suas correlações com a experiência recente do Brasil. O resultado foi um maior entrosamento entre economistas e cientistas políticos, numa aliança intelectual onde os historiadores tinham um papel reduzido.

A aliança hegemônica entre economistas e cientistas políticos redundou num fracionamento intelectual no interior do Instituto de Economia Industrial. Profissionais, identificados com o estudo de temas de microeconomia, economia financeira e matemática, e mesmo filosofia, não encontrando espaço para desenvolverem seu potencial intelectual, se dispersaram, buscando outras instituições de ensino e pesquisa. Esta “diáspora”, paralela à autonomização do Instituto de Economia Industrial, deixou às expensas dos profissionais ligados ao Departamento de Economia a responsabilidade de levarem adiante os cursos de graduação e, ao mesmo tempo, buscarem um aperfeiçoamento, realizando suas pós-graduações fora do estado ou do país.

Maria Bárbara Levy permaneceu no Departamento de Economia da FEA/UFRJ, na função de coordenadora de Pesquisa dos professores recém-titulados, e que, portanto, ainda não possuíam suficiente notoriedade para obterem recursos junto aos órgãos de financiamento e fomentos à pesquisa. A historiadora, ao mesmo tempo, encontrou abrigo junto aos cursos de História, de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (1982) e UFRJ (1981), num momento em que se consolidava, no interior dos estudos históricos, a chamada “Nova História”.

Na década de 1980, a trajetória intelectual de Bárbara Levy encontrou-se, portanto, marcada por essas três influências: da História Econômica, relegada a um plano secundário junto aos departamentos de História e de Economia; do convívio com economistas de formação desenvolvimentista e cientistas políticos; e, por, último, de sua experiência de trabalho junto à iniciativa privada na área financeira e bolsista.

Uma importante contribuição de Bárbara Levy para o estudo da História Econômica recente do país foi, sem dúvida, a pesquisa que coordenou, entre 1984-1986, na FEA/UFRJ, intitulada *A ação do BNDE no processo de industrialização / visões setoriais: a indústria química; a indústria da construção naval no Brasil*,⁸ cujo levantamento fora iniciado ainda na época em que se encontrava no IBMEC. Nesse trabalho, apoiada em ampla documentação do arquivo da instituição, foram examinados os mecanismos de financiamento para alguns ramos industriais beneficiados pela ação fomentadora do então Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico desde os anos 50, ressaltando as relações entre os setores público e privado.

Coordenando uma equipe da qual participavam historiadores e economistas, Maria Bárbara procurou sempre, e esse era um traço peculiar de sua personalidade intelectual, abrir espaço e atribuir responsabilidades para que pesquisadores talentosos pudessem desenvolver seu potencial. Todos que tiveram a oportunidade de partilhar de seu convívio profissional não se esquecem de suas palavras de incentivo, no sentido de participarem de reuniões acadêmicas onde fosse possível divulgar os resultados de suas pesquisas, assim como de encaminharem seus projetos para agências financiadoras, públicas e privadas.

Paralelamente, no nível da pós-graduação, a historiadora, atuando contra a corrente da “Nova História”, consolidava um trabalho de orientação de dissertações de mestrado que demonstrava ser perfeitamente viável a realização de uma História Econômica séria, renovadora e crítica em relação às formas, aparentemente consolidadas, de conhecimento sobre temas de economia brasileira e do Rio de Janeiro, tais como a indústria, as ferrovias e os empresários. As pesquisas produzidas nessa ocasião constituem uma importante contribuição no sentido de renovação do conhecimento sobre as origens, a dinâmica e as características da industrialização brasileira, em particular do Rio de Janeiro, na medida em que buscavam qualificar

a especificidade da trajetória econômica, e em especial a industrial, do Estado. No resultado final dessas teses e dissertações, muitas das preocupações e dúvidas de Bárbara puderam ser contempladas.

A percepção da insuficiência das explicações sobre as origens da indústria no Brasil, que privilegiavam o processo industrial ocorrido em São Paulo, foi um tema presente nas discussões travadas nas disciplinas ministradas por Bárbara nos cursos de Pós-graduação. Seu sólido conhecimento empírico sobre as origens dos capitais, do sistema bancário e das sociedades anônimas surgidas no Rio de Janeiro no decorrer do século XIX, assim como a importância das atividades comerciais ali realizadas eram fortes indicadores de que, tanto em sua origem quanto na evolução, o setor industrial da cidade foi menos dependente dos capitais provenientes do *complexo cafeeiro*. Por sua vez, a associação linear entre o declínio da cafeeicultura na região do Vale do Paraíba e a perda da liderança industrial da cidade do Rio de Janeiro, nas décadas iniciais do século XX, era uma explicação que precisava ser reavaliada, diante da complexidade apresentada pela economia local.

Esse parece ter sido o ponto de confluência das tendências assinaladas anteriormente, ou seja, ao procurar investigar as origens da indústria no Brasil, fugindo ao paradigma paulista, Maria Bárbara considerou outros fatores, tais como o capital comercial, bancário, além do papel dos empresários de outras nacionalidades e do mercado interno. No caso do Rio de Janeiro, o desenvolvimento de sua indústria não tinha uma relação linear e direta com o comércio exportador cafeeiro. Isso porque, instalado no centro financeiro do país, o empresariado do Rio de Janeiro foi diretamente beneficiado pelas políticas monetárias, consolidando sua íntima ligação com os círculos financeiros através da associação com o capital bancário. Por seu turno, a presença do capital estrangeiro viabilizou, desde cedo, uma colaboração mais sistemática, e menos antagônica, com o setor manufatureiro. Em síntese, a existência de um mercado monetário prévio, assim como os investimentos externos diretos ensejados pelas práticas expansionistas do final do século XIX se encontrariam na base dos principais investimentos industriais realizados no Rio de Janeiro.

O exame das origens diversas do capital industrial no Rio de Janeiro conduziu a investigadora a outro tema instigante: o da perda da liderança industrial da região em relação a São Paulo nas primeiras décadas do sécu-

lo XX. Na identificação das causas dessa perda, Maria Bárbara contou com os resultados dos trabalhos de seus orientandos,⁹ cujos dados corroboraram a sustentação da tese que indicava ter sido uma consequência da elevação da estrutura dos custos de produção, especialmente no tocante às matérias-primas, transportes, salários e energia elétrica. O encarecimento desses itens teria contribuído para a perda, na concorrência inter-regional, de mercados por parte da indústria carioca, o que levou a que nem a diversificação estrutural, que já caracterizava o setor na década de 1920, pudesse garantir a manutenção de um ritmo de crescimento capaz de se impor ao realizado pelas indústrias de São Paulo.¹⁰

O exame das causas da perda de competitividade da indústria carioca suscitou o desenvolvimento de uma nova linha de pesquisa coordenada por Maria Bárbara: o estudo da energia elétrica. A primeira manifestação desta tendência investigativa foi a comunicação apresentada no I Seminário Nacional de História e Energia, realizado em São Paulo em outubro de 1986, denominada *As tarifas de energia elétrica no início do século*.¹¹ O conteúdo do artigo girava basicamente em torno das causas da perda do dinamismo da indústria carioca, *vis-à-vis* à paulista. A autora elegeu a questão tarifária, examinado mais atentamente o papel das tarifas de energia elétrica, e os efeitos da alteração no sistema de cobrança do consumo de energia para a indústria local. Esta alteração foi nefasta para o indústria carioca, altamente dependente da eletricidade fornecida pela Rio Light, que, em consequência, teve seus custos operacionais elevados, encarecendo os preços finais de seus produtos e tornando-os menos competitivos nos mercados mais distantes do país.

Tendo constatado a influência da energia elétrica na dinâmica da indústria carioca, Maria Bárbara se empenhou, em seguida, na consecução de um projeto que examinasse o papel da energia elétrica, especialmente seu uso como força motriz, na industrialização brasileira, desde o início do século XX.¹² O produto final dessa pesquisa, mais um trabalho de equipe coordenado por Bárbara Levy nos anos de 1987 e 1988 do qual participaram Almir Pita Freitas Filho, Elisa Müller e Júlio César Gomes, todos professores da FEA/UFRJ, resultou em três estudos que abordaram, respectivamente: (i) a difusão do uso da energia elétrica como força motriz pela indústria brasileira; (ii) o processo de formulação de políticas de planejamento para o se-

tor elétrico brasileiro, a partir da experiência de três empresas estaduais — CEE no Rio Grande do Sul, COPEL no Paraná e CEMIG em Minas Gerais — e, por fim, (iii) os principais padrões de financiamento para a produção de energia elétrica no Brasil.¹³

A pesquisa realizada para o Centro de Memória da Eletricidade, que ainda previa um estudo sobre as empresas autoprodutoras de energia elétrica, mas não teve continuidade, reforçou a convicção de Bárbara Levy sobre a importância da abordagem empresarial para a história econômica do Brasil. Logo em seguida, prosseguindo nesta linha de investigação, foi iniciada uma minuciosa pesquisa sobre a Rio Light, uma importante empresa de serviços públicos, controlada por capitais canadenses e norte-americanos, desde sua instalação no Rio de Janeiro, em 1904, até sua compra pelo Governo brasileiro, em 1979.¹⁴

O produto final de mais um trabalho de equipe — coordenado, desta feita, por Maria Bárbara e Eulália Lobo — foi um alentado volume sobre a história institucional, a estrutura organizacional e o padrão tecnológico da empresa no período assinalado, comportando ainda a biografia de quatro dirigentes da Rio Light.¹⁵

Ainda na década de 1980, Bárbara retomou o tema das finanças e conduziu uma pesquisa, financiada pelo CNPq, sobre o sistema bancário no Brasil, que resultou em dois artigos. O primeiro deles, apresentado no IX Congresso Internacional de História Econômica (1988), tratou do sistema bancário e do movimento do capital financeiro de 1870 a 1914. Nele são encontradas análises que envolvem o Banco do Brasil, diversos bancos comerciais e estrangeiros, notadamente ingleses, sua participação no setor de serviços no país e empresas de seguro.¹⁶ Já o segundo trabalho examinou a participação dos bancos estrangeiros no Brasil no mesmo período. Para tanto, a autora dividiu sua análise em três períodos distintos: o auge da economia agroexportadora (1870-1889), quando observa-se um aumento do interesse do mercado de ações europeu pelo mercado latino-americano e o estabelecimento dos primeiros bancos estrangeiros no Brasil; o período da crise do regime imperial no Brasil, quando os bancos estrangeiros aumentam seu investimento em empresas de serviços públicos e exploração de recursos naturais; e, finalmente, um terceiro período, de 1889 a 1914, quando tais bancos estiveram envolvidos, inicialmente, em uma fase de especulação

cambial, para em seguida participarem da expansão do sistema bancário local, quando da recuperação da economia agroexportadora.¹⁷

Em 1989, ano bastante profícuo em termos de produção intelectual, Maria Bárbara participou de importantes encontros de pesquisadores, no país e no exterior, apresentando trabalhos originais, frutos de suas reflexões e inquietações acerca da história dos negócios no Brasil. Sua comunicação ao Simpósio Internacional sobre a Dívida Pública na América Latina desde sua independência até a década de 1980, realizado em Berlim, intitulada “A Dívida Pública interna e externa do Brasil de 1824 a 1913”, foi publicada, posteriormente, no volume das Atas do Simpósio, editado por Richard Liehr, intitulado *La dette publique en Amérique latine en perspective historique*.¹⁸ No mesmo ano, na Reunião Preparatória para o X Congresso Internacional de História Econômica cujo tema era “Foreign Loan, Debts and Economic Development in the 19th and 20th centuries”, realizada na Universidade de Campinas, apresentou, em co-autoria com Flávio Saes, outro importante trabalho na área financeira. O texto, recentemente publicado, revisava a historiografia tradicional sobre os padrões do endividamento, público e privado, do Brasil, entre 1850 e 1913, examinando: (a) a concessão de créditos por parte de bancos estrangeiros para atividades agrícolas e industriais; (b) a participação de outros mercados financeiros, a exemplo do parisiense, na compra de títulos da dívida pública brasileira, no período assinalado.¹⁹

Em outubro de 1989, realizou-se na FEA/UFRJ o Seminário Comemorativo do Centenário do nascimento de Roberto Simonsen, como parte da celebração dos 50 anos da Faculdade. Maria Bárbara participou desse evento apresentando uma comunicação onde revia a contribuição do pensamento de Celso Furtado sobre a industrialização do Brasil.²⁰

A consolidação do enfoque empresarial na carreira de Maria Bárbara, que abrangeu seus colaboradores, co-autores e orientandos, pode ser ainda observada em quatro outras ocasiões: no Seminário sobre História Empresarial realizado em Florianópolis em 1988, que provocou um enorme entusiasmo na autora e o empenho em realizar um outro do mesmo porte no Rio de Janeiro; na criação, em 1990, do Núcleo de Estudos de História de Empresas no âmbito da FEA/UFRJ; no convite feito ao historiador econômico Rondo E. Cameron,²¹ da Universidade de Emory, em Atlanta, que, na

condição de professor visitante na FEA, proporcionou uma série de encontros quinzenais com os professores ligados ao recém-criado Núcleo de Estudos de Economia de Empresas NEEE/UFRJ, durante os meses de sua estadia.

O quarto momento merece destaque, pois trata-se do último trabalho individual de Maria Bárbara: a tese para o Concurso Público para Professor Titular de História e Desenvolvimento Econômico do Departamento de Economia da FEA/UFRJ.²² Bárbara foi surpreendida com a notícia do concurso quando estava na Universidade de Paris, na condição de professora visitante (1988-1989), dando cursos de História Econômica do Brasil. Do “exílio”, começou redigir a tese exigida pelo concurso. Foram meses de muito trabalho e angústia, afinal, de sua volta ao Brasil até o exame, restava pouco tempo. Não obstante, com a persistência, obstinação e dedicação que a caracterizavam, especialmente nos momentos de grandes pressões, conseguiu não só terminar o trabalho a tempo, como produziu uma obra inovadora, no sentido que se propôs e conseguiu fazer a “reconstituição da indústria no Rio de Janeiro, tomando como veio de análise a associação de capitais, porque através dela fica mais evidente a disposição do empresário de assumir decisões de investimento, nas quais interfere a ação dos instrumentos de política econômica global”.²³ Faz isto por meio de uma reflexão sobre o conceito de história empresarial e sobre o processo de industrialização brasileiro, não se furtando às questões polêmicas e assumindo posturas teóricas e metodológicas inovadoras.

O concurso rendeu-lhe uma felicidade parcial, pois o fato de ser *uma estranha no ninho* custou-lhe a divisão do título com um colega economista, uma vez que seus diplomas em História pesaram na decisão da Banca Examinadora. Porém, os interessados em História Empresarial ganharam com a publicação póstuma de seu estudo, graças aos esforços de sua amiga, colega e sócia na firma Efemérides Pesquisa e Documentação, professora emérita da UFRJ e da UFF, Eulália Maria Lahmeyer Lobo.²⁴

3. A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS

Em outubro de 1991, realizava-se na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, uma conferência, de caráter internacional, até então inédita do país: a Conferência Internacional de História de Empresas. Este empreendimento, que,

ainda hoje, por sua dimensão, pode ser considerado uma tarefa ousada, foi concebido, organizado e encaminhado por Maria B. Levy, que também foi responsável por suas primeiras e principais etapas. Ela comandou uma equipe heterogênea²⁵ cujo principal elemento de ligação era o carisma e entusiasmo da coordenadora, e sua crença na importância da empreitada para o meio acadêmico e de pesquisa do Brasil. Maria Bárbara, acometida de uma doença que, num curto espaço de tempo, nos privou de seu convívio, não pôde estar à frente das etapas finais de realização do evento e publicação dos Anais.

Tendo recebido de suas mãos a tarefa de concluir este projeto, que nos parecia essencialmente pessoal, procuramos, no que nos parecia uma inversão total das expectativas, nos municiar do entusiasmo que, dos raros encontros que tivemos desde aquele momento, nos era comunicado através do olhar e da resignação de alguém que era conhecedor da gravidade de seu estado de saúde.

A Conferência se realizou, com seus acertos e erros, tendo se tornado um marco na vida acadêmica do país, particularmente por seu caráter específico, mas que reuniu um número expressivo de pesquisadores de projeção internacional, envolvidos com o tema do Business History. Uma amostra do que foi o evento encontra-se registrada nos Anais da Conferência, uma vez que inúmeros problemas não permitiram a publicação de todas as comunicações realizadas na ocasião. Existem ainda, no Núcleo de Áudio-Visual (NUCA) do Instituto de Economia da UFRJ, registros em vídeo da palestra inaugural, das conferências e das comunicações coordenadas. Esse material, juntamente com a documentação reunindo principalmente a correspondência enviada aos convidados ainda na fase preparatória do Conferência, constitui a principal fonte desse evento ímpar no âmbito da História Empresarial no Brasil.

O exame retrospectivo desse material permite-nos avaliar sua dimensão e importância e, neste sentido, considerá-lo um marco, na medida em que, pela primeira vez no Brasil, (a) reuniu e divulgou um número representativo de estudos de história empresarial oriundos dos principais centros de pesquisa internacionais e do país; (b) procurou fortalecer esta linha de pesquisa no Brasil, aproximando e integrando nosso meio acadêmico ao *mainstream*, temático, metodológico e conceitual da Business History inter-

nacional; (c) buscou estimular a preservação da memória e do patrimônio das empresas, incluindo, dentre outros, relatos de história de vida de empresários e de experiências com arquivos de empresas.

A capacidade de estabelecer contatos e criar oportunidades para a divulgação da produção acadêmica, própria ou coletiva, tanto no nível nacional quanto internacional, era um traço permanente que singularizava o perfil acadêmico de Maria Bárbara. Essa marca fica mais evidente com o passar dos anos, especialmente na medida em que contrasta com o individualismo exacerbado e a fragmentação do conhecimento, um dos traços da “condição pós-moderna”²⁶ que tomou conta, inclusive, do ambiente acadêmico nacional.

Maria Bárbara considerava que a afirmação dos estudos empresariais no Brasil dependia também do estabelecimento de um intercâmbio, mais estreito e regular, teórico e metodológico, com os centros internacionais que já possuíam uma tradição de pesquisa sobre o tema. O convite formulado a Alfred D. Chandler para realizar a conferência inaugural, assim como ao diretor do Centro de Estudos Empresarias da Universidade de Tóquio, além de pesquisadores de renome, a exemplo de Geoffrey Jones (da London School of Economics), Hans Pool (da Universidade de Boon, Alemanha), F. Jêquier (da Universidade de Lausanne), Jaime Reis (Universidade Nova de Lisboa), evidencia o empenho de Bárbara Levy em colocar a produção nacional em contato com os nomes internacionais mais representativos das tendências da Business History.²⁷

Ao revermos o programa da Conferência ou o índice dos Anais da Conferência, chama-nos a atenção a amplitude temática ali presente. Na concepção de Maria Bárbara, deveriam estar representados os diferentes setores da vida econômica que, de alguma forma, tivessem sido examinados sob a ótica dos negócios, da empresa ou do empresariado. As dificuldades de ordem conceitual e teórico-metodológica já prenunciadas neste campo de pesquisa no Brasil indicavam que o caminho mais adequado oscilava entre a busca da totalidade, uma influência da historiografia francesa, e a generalização norte-americana e inglesa, sobretudo pelo uso do método comparativo. Os estudos, setoriais ou regionais, de empresas públicas e privadas ou de empresários, assim como suas estratégias de crescimento, as relações com os poderes públicos, com o mundo do trabalho e as formas de organização e

inserção na quadro sociopolítico e institucional eram passíveis de serem abordados sob a ótica da História Empresarial. Nos cinco dias em que transcorreu o evento, um pouco de tudo isso esteve presente.

A Conferência teve, originalmente, a pretensão de abrigar toda essa complexidade. O setor bancário foi um dos que mais se destacou, refletindo, sem dúvida, a formação e a longa experiência de Maria Bárbara com o estudo das instituições financeiras. Nesse módulo, foi marcante a participação de pesquisadores estrangeiros, dentre os quais o eminente historiador econômico Roberto Cortês Conde, cuja exposição tratou do papel dos bancos estrangeiros no início da organização bancária argentina. Destacaram-se ainda as contribuições dos professores Jaime Reis, que apresentou um panorama do setor bancário português entre 1850 e 1913; Paulo Martins Aceda, da Universidade de Alcala, que tratou do sistema financeiro espanhol de 1844 a 1935; e Carlos Marechal, do Colégio do México, que falou sobre a experiência bancária latino-americana no final do século XIX. A representação nacional ficou a cargo de Ary Minesla, da Universidade de Santa Catarina, que examinou as formas de organização e representação do empresariado financeiro no Brasil, a partir da década de 1960; e do estudo de Ana Maria R. de Andrade, discípula e colaboradora de Bárbara Levy, sobre as primeiras casas bancárias que operavam na cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX.²⁸

Os estudos sobre as empresas dos setores produtivos e comerciais, porém, formaram a maior parte das comunicações apresentadas no evento. Eram história de empresas industriais e agrícolas; de capital público ou privado; de organização familiar ou em sociedades anônimas, estrangeiras ou nacionais; as origens do empresariado nacional, suas práticas discursivas, bem como suas relações com o meio ambiente, social, político e institucional, compunham o leque temático da maioria das comunicações.

Nesse módulo, destacamos a importante contribuição, teórica, metodológica e temática, de Frangisse Jéquier, sobre o segmento da indústria suíça de fabricação de relógios e o papel das empresas familiares no crescimento econômico. O historiador Warren Dean, por seu turno, abordou o tema das relações entre empresas e meio ambiente, a partir da história de uma grande empresa de utilidade pública da Cidade de Nova York, a Consolidated Edison Company (ConEd), às voltas com os problemas de suprimento de energia e controvérsias ambientais.

Esta pequena amostra do que foi apresentado na Conferência nos permite vislumbrar a amplitude e riqueza temática da História Empresarial, assim como a percepção de Bárbara Levy para as possibilidades de desenvolvimento desse campo de pesquisa em nosso país.

Uma terceira característica da Conferência foi sua tentativa de aproximar o mundo acadêmico do empresarial. Seguindo o exemplo do 1^o Simpósio Catarinense de História e Documentação Empresarial, realizado em Florianópolis de 23 a 26 de maio de 1988, Maria Bárbara também reservou um espaço para a apresentação de depoimentos de experiências de empresários. Nesse segmento, foram esclarecedores os depoimentos dos diretores da Sul América de Seguros, Edgar Mario Berger, e da Golden Cross, Felice M. Fogliette, acerca do caráter familiar das empresas brasileiras.

Nos dias atuais, quando a História Empresarial claudica diante da falta de recursos e das dificuldades de acesso aos arquivos privados das empresas, é possível entender o significado da estratégia de estabelecer um diálogo entre empresários e historiadores de empresa, tendo como alvo a realização de futuras parcerias. Essa propensão em construir uma ponte entre o mundo acadêmico e o empresarial foi, no entanto, perdida nas conferências subsequentes.

A preocupação com a preservação do acervo documental, levando algumas empresas a recorrer à consultoria de técnicos, constituiu outro importante painel, a partir das experiências do Instituto Nacional de Pesquisa Industrial (INPI) e das empresas IBM do Brasil, Figueredo Ferraz, Souza Cruz e Klabin. O depoimento da Minerações Brasileiras Reunidas – MBR abordou as estratégias de preservação ambiental desenvolvidas por aquela empresa de exploração de minério no Estado de Minas Gerais.

4. CONCLUSÃO

Do exposto, algumas considerações gerais podem ser extraídas. Acreditamos não ser exagero afirmar que as expectativas de Maria Bárbara sobre os resultados e desdobramentos do evento não se concretizaram. Isto porque a idéia da criação de uma forte linha de pesquisa e de uma associação que congregasse pesquisadores na chamada Business History não foi levada adiante. A tarefa iniciada por Maria Bárbara no início da década de 1990 parece não ter sido ainda concluída.²⁹

A História Empresarial não adquiriu no Brasil, até o presente, a autonomia que desfruta nos principais centros internacionais de pesquisa, dispondo, inclusive, de publicações próprias. Entre nós, a Business History permanece como um apêndice, uma especialização de uma História Econômica que, desde a década de 1980, atravessa uma profunda crise de identidade. Entre nós, ainda não foi assimilada a concepção de Empresa vista como uma organização institucional complexa, dotada de atributos próprios, culturais e materiais, profissionais e humanos, passíveis de serem abordados sob uma perspectiva histórica. Para tanto, é necessário dispor de métodos e de teorias, o que exige uma aproximação com a Economia e outras Ciências Sociais, assim como um estreitamento dos laços com centros onde tais estudos se encontram em fase mais avançada. Faz-se necessário o uso do método comparativo, assim como uma maior divulgação e estudo dos pioneiros neste campo de pesquisa, a exemplo dos trabalhos de Alfred D. Chander e seus seguidores, que, inexplicavelmente, têm sido pouco divulgados entre nós. Tais procedimentos, com certeza, facilitarão na busca de respostas para explicar, por exemplo, por que algumas empresas se tornam centenárias e outras não, mesmo em países como o Brasil, de economia dependente e retardatário em termos industriais.

Justifica-se, portanto, diante desse quadro, nossa tarefa de resgatar uma parte da trajetória intelectual de Maria Bárbara Levy, uma historiadora talentosa que se empenhou, de diversas formas, em desenvolver a História Empresarial nos meios acadêmicos do país.

NOTAS

1. M. B. Levy, *História da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1977; Idem. *História financeira do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1979; Idem. "O Encilhamento", *Economia brasileira: uma visão histórica*. Rio de Janeiro: Campus, 1980; M. B. Levy et al. (org.), *Manoel Maurício de Albuquerque: mestre-escola bem-amado, historiador maldito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1987; M. B. Levy, *A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas (Esboços de história empresarial)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1994.
2. Historiadora formada pela antiga Universidade do Brasil, atual UFRJ, onde fez sua carreira universitária, sendo titulada professora emérita. Para maiores detalhes sobre sua formação, ver J. G. V. de Moraes e J. M. Rego. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 21-44.

3. M. B. Levy, *Demografia histórica no Rio de Janeiro: 1808-872*. São Paulo: Departamento de História/USP, 1970. Dissertação de mestrado. Idem. *Quelques aspects concernant la démographie historique du Rio de Janeiro au XIX^{ème} siècle*. Paris: CNRS, 1971; M. Y. Linhares e M. B. Levy, *Problemas do Método em História Demográfica*. II Colóquio de Metodologia Histórica do Brasil. Campinas, 1972. Mimeo.
4. M. B. Levy, *Histoire de la Bourse de Valeurs de Rio de Janeiro*. Paris: Universidade Paris X – Nanterre, 1975. Tese de doutorado. Idem. *História da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro*, *op. cit.*
5. M. B. Levy, *Arrolamento das fontes primárias do Arquivo da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro*. Anais do 7º Simpósio da ANPHU. Belo Horizonte: ANPHU, 1974.
6. M. B. Levy, *A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas*, *op. cit.*, p. 4.
7. J. M. C. de Mello, *O capitalismo tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
8. M. B. Levy (coord.), *A ação do BNDE no processo de industrialização, visões setoriais: a indústria química*. Relatório de Pesquisa. FEA/UFRJ/FINEP, 1984. Idem; a indústria de construção naval. Rio de Janeiro, FEA/UFRJ/FINEP, 1986.
9. Entre seus orientados estão, dentre outros: M. G. Martins, *Caminho da agonia: a Estrada de Ferro Central do Brasil, 1908-1934*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1985. Dissertação de mestrado. A. P. Freitas Filho, *A industrialização do Rio de Janeiro, 1930-1945*. Niterói: ICHS/UFF, 1986. Dissertação de mestrado. M. A. R. Guarita, *A indústria na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: IEI/UFRJ, 1986. Dissertação de mestrado. A. M. R. de Andrade, *1864: conflito entre metalistas e papelistas*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1987. Dissertação de mestrado. M. G. F. Leal, *A construção do espaço urbano carioca no Estado Novo: a indústria da construção civil*. Niterói: ICHS/UFF, 1988. Dissertação de mestrado etc.
10. M. B. Levy, *A indústria do Rio de Janeiro...*, *op. cit.*, p. 195-213.
11. M. B. Levy, *As tarifas de energia elétrica na composição dos custos industriais na cidade do Rio de Janeiro no início do século*. Anais do 1.º Seminário Nacional de História e Energia. São Paulo: Eletropaulo, 1987, p. 27-40.
12. Na ocasião, o tema da energia elétrica estava altamente cotado, sendo estudado em alguns centros internacionais de pesquisa, a exemplo da França, onde fora criada uma atuante Associação para a História da Eletricidade na França, que mantinha uma linha de publicações (*Boletim de História da Eletricidade*) e promovia colóquios sobre o tema de projeção internacional.
13. M. B. Levy *et al.*, *A energia elétrica na industrialização brasileira*. Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade, 1988.
14. M. B. Levy, E. M. L. Lobo (coords.), *História institucional da Rio Light (1904-1979)*. Rio de Janeiro, 1990.
15. Para maiores detalhes, ver E. M. L. Lobo, “Maria Bárbara Levy, seu papel na historiografia econômica no Brasil”, *Revista História Econômica & História de Empresas*, II. 2 (1999): 63-82. São Paulo: Hucitec/ABPHE, p. 75-79.

16. M. B. Levy, "Banking System and Financial Capital in Brazil (1870-1914)". In: R. Cameron e V. Bavikin, *Project on International Banking and Industrial Finance: 1870-1914*. Berna: International Economic History Association, 1986.
17. M. B. Levy (com a colaboração de Margareth Guimarães Martins), *La Actuación de los Bancos Estranjeros en el Brasil, 1870-1914*. VI Jornada de Historia Económica. Tandil (ARG): Universida Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 1985. Mimeo.
18. R. Liehr (ed.), *La dette publique en Amérique latine en perspective historiqe*. Francfort/Madrid, Vervuert Verlag/Iberoamericana, 1995. Devo à Paula Maria C. de Mello, da Biblioteca Eugênio Gudín, a pesquisa e referência dessa obra.
19. M. B. Levy, F. A. M. de Saes, "Dívida externa brasileira, 1850-19213: empréstimos públicos e privados", *História Econômica & História de Empresas* IV, I (2001): 49-81. São Paulo: Hucitec/ABPHE.
20. O registro digital desse Seminário encontra-se disponível no NUCA (Núcleo de Comunicação Audio-Visual do Instituto de Economia/Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da UFRJ).
21. Historiador econômico da Universidade de Emory, Atlanta, Estado da Geórgia, EUA, falecido em 2001, era especialista em história bancária e autor, dentre outros, de um útil manual, intitulado *A Concise Economic History of the World. From Paleolithic Times do the Present*. Nova York: Oxford University Press, 1989.
22. F. A. M. de Saes, *A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas. Esboços de história empresarial*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1994.
23. Idem, idem, p. 279.
24. Eulália Maria Lahmeyer Lobo foi também autora da comunicação "Maria Bárbara Levy: seu papel na historiografia econômica brasileira", V Congresso Latino-americano de História das Ciências e da Tecnologia. Resumos. Rio de Janeiro: SLAHCT, 1988, p. 146-148. Esse trabalho foi, posteriormente, publicado na *Revista História Econômica & História de Empresas*, II(2), 1999, p. 63-82, da ABPHE.
25. Da equipe participavam professores, pesquisadores, funcionários técnicos e administrativos das principais instituições de ensino e pesquisa do Rio de Janeiro (UFRJ, UFF, PUC), além de colaboradores externos.
26. D. Harvey, *A condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 45-67. K. Kumar, *Da sociedade industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 112-158.
27. Parte da correspondência enviada por Maria Bárbara na fase preparatória da Conferência foi resgatada e encontra-se arquivada no Núcleo de Estudos de Economia de Empresas.
28. A. P. Freitas F.º, M. G. Martins (orgs.), *Conferência Internacional de História de Empresas*. Anais. Rio de Janeiro: Gráfica da UFRJ, 1994.

29. No Instituto de Economia da UFRJ, não existe, até o presente momento, nenhuma área de concentração ou linha de pesquisa em estudos de empresa que incorporem a História Empresarial. Temos conhecimento da existência de uma Pós-graduação em História Econômica, no Curso de Economia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara, assim como no Instituto de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp). Recentemente tivemos notícia da criação de mais um Curso de Pós-Graduação em Economia, na Universidade Federal Fluminense, tendo a História Econômica como uma das áreas temáticas. Com a criação da ABEPHE – Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, em 1993, os temas de História Empresarial têm sido sistematicamente apresentados em conjunto com os congressos brasileiros de História Econômica promovidos pela Associação. Reconhecendo a importância da iniciativa de Maria Bárbara, assim como buscando homenageá-la, a ABEPHE realizou mais quatro conferências, em 1993 (2ª Conferência), 1996 (3ª Conferência), 1999 (4ª Conferência) e 2001 (5ª Conferência), como parte integrante de seus congressos.